

Sarney: a política é que mudou



Sarney apóia diretas

Arquivo

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

"Não fui eu que mudei, foi a política brasileira." Assim o ex-presidente do PDS, senador José Sarney, justifica o abandono do partido que fundou, a fim de disputar a Vice-Presidência da República, pelo PMDB, como companheiro de chapa do governador de Minas, Tancredo Neves.

"Nunca fui, em nenhum momento, contra as eleições diretas. Afinal, fui eleito seis vezes deputado, governador e senador pelo voto direto. Sempre defendi a tese, segundo a qual, nos países subdesenvolvidos, a eleição direta é menos manipulável que a indireta" esclareceu.

Para Sarney, sua posição contrária à emenda Dante de Oliveira "refletia a posição do cargo do presidente do partido. Restaurada minha responsabilidade pessoal como senador e político, não posso deixar de considerar que a eleição direta passa a ser talvez a melhor das soluções para o impasse institucional que vive o País. A política é extremamente di-

nâmica. O que ontem falava em nome de um quadro partidário estável, hoje não existe mais, uma vez que esse quadro se desintegrou totalmente. Assim, não fui eu que mudei, foi a política brasileira. E é bom sempre repetir a lição de Ruy, segundo a qual a gente nunca deve mudar do bem para o mal, nem do mal para o pior".

Sarney estranha que lhe perguntem sobre sua posição ante os escândalos denunciados na administração pública, dizendo:

"Em nenhum momento, em qualquer circunstância, deixei de apoiar qualquer medida ou destinar a apurar denúncias de corrupção".

Ele também encara, com naturalidade, a possibilidade de conviver, nos palanques da campanha de Tancredo Neves, com filiados ao PC e a outros agrupamentos de esquerda: "Nunda, na vida, pedi atestado ideológico de amigos que pensam diferente. Todos que me conhecem sabem que sempre fui um democrata. E o democrata é o homem dominado pelo sentido da dúvida, porque não se julga dono da verdade absoluta".

Peemedebistas condenam indicação

AGÊNCIA ESTADO

A possível indicação do senador José Sarney como candidato a vice-presidente na chapa de Tancredo Neves continua provocando muita resistência nos setores mais progressistas do PMDB. "Da mesma forma como o PMDB não ousa indicar o Miguel Arraes, a Frente Liberal não deveria escolher Sarney, que até um mês atrás era presidente do PDS e mobilizou o partido para derrotar a emenda Dante de Oliveira", disse em Porto Alegre o deputado federal José Fogaça. Em Londrina, o deputado José Tavares reagiu: "Isso é decisão de meia dúzia. Criticamos o colégio eleitoral a vida inteira e agora ainda vamos engolir candidato do PDS?"

Fogaça argumentou que a candidatura de Tancredo corre o risco de desvirtuamento por causa da crescente adesão de dissidentes do PDS e dos compromissos que estão sendo firmados com esses setores moderados. "A candidatura do governador não pertence exclusivamente ao PMDB e sim a uma frente de forças que se reúne para pôr fim ao regime, que vigora há 20 anos. Mas essa característica suprapartidária não significa que ela deva ser politicamente indefinida", ressaltou o parlamentar.

Para ele, a linha básica do programa de governo da Aliança Democrática é "muito ruim", por ser vaga e dúbia. "Se não houver uma definição clara das propostas — defendeu —, a candidatura de Tancredo, que é

de transição, pode virar candidatura de reciclagem do regime, sob nova feição".

O deputado Jorge Uequed, também do PMDB gaúcho, considerou que o esboço de programa da Aliança Democrática "é uma piada" pois não tem compromissos claros. "Aquele rol de intenções até o Partido Republicano defenderia", ironizou Uequed acreditando que se a chapa oposicionista se basear apenas nos atuais "acordos de cúpula, que podem levar a mais um engodo, seu governo não terá estabilidade, cairá mais rápido que o de João Goulart".

Segundo ele, a candidatura de Tancredo "tem cheiro de vitória, e os pedessistas sempre foram aderentes ao poder". O parlamentar acha que se a aliança crescer demais, "o próximo líder do governo na Câmara acabará sendo Nelson Marchezan, o próximo ministro da Justiça o sr. Armando Falcão, e o ministro dos Transportes o sr. Mário Andreazza".

Outras críticas foram feitas pelo deputado paranaense José Tavares, que ainda defende prioridade para as diretas, embora ressaltando que a escolha indireta "foi assimilada pela cúpula oposicionista". A seu ver, a volta às urnas nunca esteve tão próxima, "até como saída honrosa para o regime, porque se Figueiredo sentir que perde no colégio, pode preferir perder para o povo e propor eleições diretas".

Ainda em Londrina, o senador Álvaro Dias (PMDB-PR) afirmou

que as oposições estão forçando a votação da emenda Theodoro Mendes, e a Frente Liberal assumiu o compromisso de apoiá-la, mas "o problema é que o presidente do Senado (Moacyr Dalla) parece ser malufista e não tem interesse em colocá-la em votação". O parlamentar, apesar de ressaltar o reforço dos dissidentes pedessistas, é outro que não concorda com a presença de Sarney na chapa oposicionista, dizendo não ter dúvidas de que se trata de "acerto com aqueles que, repentinamente, se transformaram em democratas, quando na verdade estão lutando pelo poder acima de tudo".

As bases do acordo com a Frente Liberal foram criticadas do mesmo modo no Rio pelo presidente do diretório do PMDB fluminense, deputado Jorge Gama, por considerar que ele compromete a imagem do partido junto à opinião pública. Na opinião dele, "o PMDB não pode abrir mão de sua tradição política, aceitando que a Frente Liberal imponha condições contrárias a seus princípios".

Já o peemedebista Doreto Campanari, de São Paulo, comentou em Dracena que Sarney, como representante da Frente Liberal, está-se movimentando para formar um novo partido, e portanto não tem vinculação partidária até a eleição presidencial. O deputado ressaltou que vai pensar antes de participar da votação: "O colégio eleitoral é como uma criança caindo na lama. Só irei se for para salvar esta criança".